

Lidyane Souza
Querino
Graduanda em
Ciências Sociais
pela Universidade
Federal de Viçosa.

Contato: <lidyane-
quesq@gmail.com>

PELO DIREITO AO RESPIRO FAÇO A ESCOLHA DE FALAR SOBRE COISAS BOAS E ANESTESIAS A DOR

O campo do presente relato de experiência é a Semana da Consciência Negra 2019, promovida pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Federal de Viçosa. Mas é importante ressaltar que a realização foi feita em conjunto com a Associação de Capoeira Guerreiros de Zumbi (ACGZ), União de Negros pela Igualdade (UNEGRO – Viçosa), Seção Sindical de Docentes da UFV (AS-PUV), Slam Akewí, Agunjé – Comida Afetiva e Mostra de Arte Preta.

Antes de decidir que este seria o campo para o trabalho final da disciplina de Etnografia e Métodos, já havia decidido ir aos espaços ao decorrer da semana. Inicialmente, por se tratar de um evento que foca em pautar as questões que envolvem negritude; considerando as vivências como povo, mas também como indivíduos, refletindo, assim, sobre o meu lugar e trajetória enquanto mulher negra. Depois, passei pelo processo de decisão do campo e vi este evento como uma oportunidade para tal, acionando o meu lado pesquisadora. Por fim, fui convidada para construir um espaço na semana sobre Afrofuturismo, adicionando mais um local, agora como palestrante.

Foi um campo muito intenso e de muitas afetações: o exercício de tornar o familiar em estranho e o estranho em familiar foi difícil. A todo o momento me sentia atravessada pelas questões que emergiram de todos estes âmbitos, o que permitiu uma imersão por completo. Sentia-me, por muitas vezes, confusa sobre como separá-los; sendo levada a questionar se era realmente necessária essa separação. Então, o processo de escrita deste trabalho não é distante e frio; e sim reflexivo, refletido e carregado. Sendo assim, não possuo intenção e nem vejo sentido em usar o recurso linguístico de sujeito oculto durante o texto.

O trabalho de campo na semana foi realizado inteiramente em dupla e viver esta experiência com o Vinícius – meu colega de curso, amigo pessoal e homem negro – foi extremamente rica, baseada no acolhimento e compartilhamento constante das angústias geradas pelas temáticas abordadas.

A inserção no campo deu-se de maneira tranquila. Tivemos a atuação da Maria Raquel, do NEAB, como interlocutora para a obtenção de uma autorização para realizar o trabalho durante o evento. O qual, felizmente, não teve nenhum espaço esvaziado. Um privilégio do campo é que, por ser majoritariamente dentro do ambiente acadêmico, não há um estranhamento no processo de anotações, pois sempre escrevemos nos espaços, palestras e afins.

A SEMANA: O CONCEITO

“Com o lema em letras garrafais “COMBINAMOS DE NÃO MORRER”, a Semana da Consciência Negra de Viçosa, em 2019, quer, de várias formas, e congregando diferentes atividades e parceiros realizadores, ser um espaço de aquilombamento, fortalecimento

e pacto de vida para o povo negro. É uma necessidade resistirmos e (re)existirmos em meio às tantas amarras racistas e opressoras que nos rondam.

Enunciado por Dorvi, um dos personagens da obra Olhos D’Água da escritora negra mineira Conceição Evaristo, o lema de nossa Semana provém de um acordo de que se “eles combinaram de nos matar, a gente combinamos de não morrer”. Este combinado é um comprometimento com nossas próprias vidas [...]

Que seja uma semana de consciência negra, de clamor por vida, dos/as mais novos/as e mais velhos/as, de reinvenções, de combinarmos de não morrer e ao mesmo tempo combinarmos de viver.”

Esta foi a descrição feita pelos idealizadores da Semana da Consciência Negra de 2019. A programação foi pensada e construída coletivamente por diferentes movimentos da cidade, a fim de evidenciar o protagonismo negro de Viçosa e região, com as potencialidades e saberes artísticos, literários, científicos, empreendedores, culinários, estéticos e de luta.

O CONTO

“A gente combinamos de não morrer” é um dos contos do livro Olhos D’Água (2014). Esse, conta a história de alguns jovens negros, moradores dos morros, que estão com suas vidas já traçadas para serem interrompidas ainda novos pela mão da polícia, pela mão das gangues, pelas mãos do destino. Ainda que tenham combinado de não morrer, a ciência da própria morte é presente.

Há falas de suas esposas – que sangram por seus maridos e sofrem por seus filhos – que demonstram como este sofrimento é incessante. Há falas de mães que já perderam seus filhos, ainda sentem suas mortes e não querem o mesmo para o relacionamento de suas filhas. Há também amigas que compartilham do processo de criação de seus filhos sozinhas.

Pensar sobre o genocídio da população negra é necessário, não somente de maneira reflexiva, mas também efetiva; começando por pensar em medidas de políticas públicas antirracistas. Pensar em maneiras que façam com que o futuro seja possível, que a vida seja vivível, pois como trás Bica, uma das personagens do conto: “Eu sei que não morrer, nem sempre é viver”.

SOBRE ESCOLHAS

No texto, “Memória, Esquecimento, Silêncio” (1989) o sociólogo e historiador Michael Pollak aborda os processos de lembrança e esquecimento – no âmbito micro e macro – como chave para lidar com as feridas que alguns grupos sofreram e sofrem, e o abafamento de suas vozes. Porém, ele acredita que este abafamento não permite que as feridas sejam

individualmente cicatrizadas e socialmente resolvidas. Para que isso não ocorra, a história deve ser vista e dita através de mais de uma perspectiva, de modo a repensar as narrativas em disputa nos três tempos.

Podemos perceber que “há uma constante interação entre o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos” (POLLAK, 1989).

Michael Pollak (1989) traz em seu texto o sociólogo Maurice Halbwachs que ao fazer a análise da memória coletiva enfatiza “a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos” (POLLAK, 1989).

Lembro-me de Matheus Freitas – organizador da semana e amigo pessoal, que possuiu um papel central durante toda vivência – falando-me que este ano o objetivo era trazer questões de resistência, de futuro, de aquilombamento em tempos difíceis e não apenas discutir sobre violência e racismo, que são as pautas dominantes quando se trata de pessoas negras.

A partir disso, na construção do relato desse trabalho, a escolha se dá por falar sobre os bons afetos, das coisas boas do presente e das perspectivas de futuro para o povo preto, que foram ditas na Semana da Consciência Negra, em oposição à narrativa de dor e sofrimento que é sempre dita (e de fato muito presente em nossas vivências), mas que não podem ser tidas como a totalidade dessas existências.

Deve-se pensar que são necessárias e existem “funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de ‘comunidade afetiva’” (POLLAK, 1989).

A escolha desse recorte me remeteu o tempo todo ao texto “Vivendo de Amor” (1994) da autora, teórica feminista, artista e ativista negra, bell hooks. Em uma passagem, ela diz que:

“Para conhecermos o amor, primeiro precisamos aprender a responder às nossas necessidades emocionais. Isso pode significar um novo aprendizado, pois fomos condicionadas a achar que essas necessidades não eram importantes.”

COISAS BOAS PARA OUVIR

Dia 19 de Novembro houve a abertura da semana na Seção Sindical de Docentes da UFV (ASPUV) e o primeiro espaço, nomeado “Escrevivências negras: palavras, versos e experiências”, no qual houve os lançamentos dos livros da Clara Costa, Júlia Costa, Rafael Moyses e Rômulo Marcolino. Cada escritor(a) teve até 10 minutos para falar e cada vez que um(a) compunha a mesa, a plateia vibrava muito.

Todos(as) falaram sobre a importância e o lugar da escrita em suas vidas. O lugar do derramar todos os sentimentos, de externalizar a potência do eu

que não se expressa no campo físico, da resistência. Uma fala proferida pela Júlia, que ficou marcada em minha cabeça e que sintetiza a escrita na vida dessas pessoas, não só delas, mas do povo preto como um todo é: que se escreve para não morrer, que se escreve para falar da realidade. A escrita é política e é afetiva.

O destaque que faço é da fala de Rômulo Nascimento Marcolino, que causou um estranhamento nas pessoas presentes, por abordar exatamente os bons afetos. Graduado em História pela UFV com mestrado na UFMG, ele é professor e apresentador de programa na Rádio Quintal FM. Além disso, é fundador do blog Ecos da Periferia. Sua presença se dá pela participação dos seus textos na “Coletânea Ancestralidades: Escritores Negros”.

Rômulo coloca a escrita como espaço de disputa, inclusive de pautas que apareceram nos textos e poesias. Ela, como uma forma de não morrer para ele, se dá no registro dos momentos de respiro que surgem no cotidiano permitido e protagonizado pelas pessoas comuns. Sua preocupação com isso vem da percepção de que trazer nos escritos somente dor, sofrimento e coisas ruins pode acabar por afastar os jovens negros das próprias culturas e impossibilita-os de ter orgulho do próprio povo, o que dificulta o processo de identificação plena. Afinal, quem gostaria de pertencer a um grupo que só tem histórias ruins para contar? Como ver o lado positivo em meio a tantas tragédias? É preciso contar sobre as coisas boas, mas antes disso, como povo preto, precisamos entender que temos direito a viver essas coisas, a sentir emoções positivas. Em suas palavras, temos “o direito ao gozo” e que essa é uma forma de resistência. bell hooks (1994) nos diz que:

“Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando.”

No segundo dia – o dia da Consciência Negra, 20 de Novembro – houve um encontro e plenária dos Movimentos Negros de Viçosa pela luta antirracista. Essa contou com a presença de representantes desses movimentos e outras personalidades desta frente de luta no município, na Estação Hervê Cordovil no Centro da cidade, um espaço fora da Universidade. A dinâmica escolhida foi a divisão em três blocos de fala composto de três pessoas e um bloco com microfone aberto.

Mestre Garnizé, da Associação de Capoeira Guerreiros de Zumbi (ACGZ), em sua fala expressou sua felicidade e satisfação em ver aquele espaço cheio, com tantos núcleos diferentes e unidos em prol da luta que vem sendo pautada em Viçosa desde 1980 (datação do início do Movimento Negro na cidade). Junia Marise, da ASPUV, disse que esta união, esta articulação interna do Movimento Negro que estava sendo proposta ali, era um modo de fortalecer nossos quilombos. E falando sobre isso, só que na abordagem territorial, Júlio, da Comunidade

Quilombola Buieí, contou-nos sobre a insurgência de algumas comunidades quilombolas e a importância de identificá-las para prestar apoio e realizar trabalho de base. Teresinha, da UNEGRO, falou sobre o processo de reivindicação diária para a efetivação da conquista já obtida pela Lei 10.639/2003, que pauta o ensino de História da África e História Afro-brasileira no ensino básico. Inclusive, houve o anúncio da criação do Coletivo Pretas, que vem com a proposta de enfrentamento ao racismo na rede pública. Percebo que estas são formas pelas quais “Expressamos amor através da união do sentimento e da ação” (bell hooks, 1994).

No dia 21 de Novembro, aconteceu um cine-debate sobre Afrofuturismo, no CEE/UFV, realizado pelo Guilherme Mateus, na época graduando em Ciências Sociais e por mim (graduanda em Ciências Sociais), no qual exibimos o filme queniano “Pumzi” (2009) e o brasileiro “Rapsódia para o homem negro” (2015). O afrofuturismo é um movimento estético, político, cultural, filosófico, crítico plural e multifacetado. Tendo como ponto em comum uma narrativa especulativa, alternativa e fantástica para as experiências das populações negras, busca-se questionar, reimaginar e reinventar eventos históricos do passado, mas também do presente e do futuro.

Estamos falando sobre a criação de narrativas de um futuro no qual pessoas negras existem não como escravos ou ainda na luta pela sobrevivência, mas como criadores de sociedades marcadas pelo alto desenvolvimento tecnológico; no qual negros, principalmente jovens, não morrem pelas mãos da violência policial e do racismo institucional como um todo. Centralizado na cultura e estética africana, em termos sociológicos, trata-se de uma disposição por descolonizar o futuro e na cultura atual é fundamental por reivindicar, para os negros e negras, a narrativa das suas histórias.

Kênia Freitas e Morena Mariah, pesquisadoras do Afrofuturismo, colocam que esse imagina outras possibilidades de existência para nós negros e negras. Se a juventude é futuro, então é para ela que se deve falar e pensar em ações para mudar o futuro que está posto. Se não mudar, irá continuar a perpetuação dessas dores. Imaginar e construir outros futuros, garantir afeto e humanidade que foi negado ao povo preto se mostra urgente, por isso, o fundamento do movimento é indissociável da política.

“Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura.”

(HOOKS, 1994)

A roda de conversa “Presenças e ausências negras na UFV”, ocorreu no CEE/UFV no dia 22 pela tarde. Nesta, Beatriz Gomes e Monalisa do Carmo,

mestres em Educação pela Universidade Federal de Viçosa, falaram sobre suas pesquisas que abordam, respectivamente, as presenças e as ausências de pessoas negras na universidade em questão. O número de estudantes pretos e pretas tem aumentado no decorrer dos anos, mas para além de pensar suas presenças, é preciso pensar suas permanências. Uma das estratégias ditas pelas pessoas no ambiente é a necessidade de criação de redes de apoio – amigos, coletivos, etc. – que os trouxesse a sensação de pertencimento ao local.

A estudante Maria Raquel, do curso de História, lembrou-se do trecho de um conto da Conceição Evaristo, que fala sobre fome, e compartilhou conosco os vários tipos. Mesmo que a universidade seja um ambiente privilegiado para se estar, no princípio ela tinha muita “fome” e necessidade de apoio, de acolhimento dentro deste espaço, que é tão branco. Então nos contou que sentiu, ao entrar para o NEAB, essa sua necessidade suprida, pois ela se sente pertencida ao núcleo, “contribuindo” com os seus e vinculada às pessoas que o compõe. Nas palavras de bell hooks (1994),

“A ideia de que o amor significa a nossa expansão no sentido de nutrir nosso crescimento espiritual ou o de outra pessoa, me ajuda a crescer por afirmar que o amor é uma ação. Essa definição é importante para os negros porque não enfatiza o aspecto material do nosso bem-estar. Ao mesmo tempo que conhecemos nossas necessidades materiais, também precisamos atender às nossas necessidades emocionais.”

A 11ª Marcha da Consciência Negra de Viçosa, ocorrida no dia 23 de Novembro, foi o último espaço do trabalho de campo, que neste dia durou das 9h às 19h. O dia foi composto pela marcha saindo das Quatro Pilastras (UFV) até à praça da Rua dos Passos, pela feijoada no horário do almoço na Sociedade São Vicente de Paula, pelas homenagens e pelo samba até o fim da tarde. A atmosfera do espaço do almoço e do samba, com pessoas de diversas idades e trajetórias pessoais, fora e dentro do Movimento Negro, conversando e trocando experiências, as crianças brincando na rua, as risadas e a diversão no samba criaram um ambiente de certa forma familiar, acolhedor e confortável. O sentimento de aquilombamento. “A partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas” (HOOKS, 1994).

Os últimos momentos deste dia foram essenciais para guiar a escrita deste trabalho e definidor para a escolha do recorte. Após a finalização de toda a programação, ainda fiquei no local por um tempo, ajudando o Matheus Freitas a arrumar as coisas pendentes.

No espaço da cozinha, estava presente Luciano Lau, integrante da Associação de Capoeira Guerreiros de Zumbi (ACGZ), que compareceu à maioria dos espaços durante a semana, conversando conosco sobre sua recente saída do restaurante universitário. Neste, fazia um trabalho mecânico e centrado, no qual não podia interagir com o redor e isso o deixava por muitas vezes angustiado. Agora ele está

trabalhando como produtor cultural, um trabalho que ele pode conversar com as pessoas e isso tem o deixado feliz e realizado.

O que levou à escolha de escrever sobre coisas boas que apareceram durante esses dias e que pessoalmente me acalentaram foi uma fala dele que me marcou em relação a sua nova realidade: "agora eu posso sorrir". Para finalizar, trago a música 8 do cancionário da Marcha, que é uma versão adaptada da música "Sorriso Negro" de Dona Ivone Lara e que ilustra o tratado neste trabalho.

"Um abraço negro

Um sorriso negro

Traz felicidade

Negro sem emprego

Fica sem sossego

Negro é a raiz de liberdade!

Negro é uma cor de respeito

Negro é inspiração!

Negro é silêncio, é luto

Negro é a solução

Negro que já foi escravizado

Negro é a voz da verdade

Negro é destino, é amor

Negro também é saudade"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVARISTO, Conceição. (2014), *Olhos d'água*. Rio de Janeiro, Pallas.

hooks, bell. (1994), *Vivendo de amor*. Tradução de Máisa Mendonça. Disponível em: GELEDÉS. <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acessado em 16 de Março de 2020.

POLLAK, Michael. (1989), "Memória, esquecimento e silêncio". *Estudos Históricos*, 2, 33-15.

PUMZI. Direção de Wanuri Kahiu. Nairóbi: Inspired Minority Pictures, 2009. Youtube (23 minutos).

RAPSÓDIA para o homem negro. Direção de Gabriel Martins. Contagem: Filmes de Plástico, 2015. Youtube (25 minutos).

DONA IVONE LARA. *Sorriso Negro*. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil Ltda., 1981. Disco Sonoro (3min23).

